



ARTIGOS

RESUMO

Assimilar a composição simbólica da arquitetura cristã é compreender como a diversidade de elementos ao longo de toda a história da arquitetura religiosa puderam compor uma riqueza de símbolos que remetem constantemente ao transcendente, inserindo o ser humano em um processo de construção pessoal em crenças. Este ensaio tem como objeto de estudo uma análise sobre os aspectos formais e compositivos que regulamentam a arquitetura religiosa ao longo da história. Tais elementos conformaram uma chave principal para a captação e perpetuação de fiéis, pois não se trata apenas de reproduções de ritos, mas consiste, principalmente, na influência da experiência sensorial dentro de templos religiosos. Dessa forma, a arquitetura eclesiástica é carregada de metodologias e significados que buscam elevar o estado espiritual do indivíduo através do emprego de elementos que configuram o conceito do transcendente ou representatividade do universo.

PALAVRAS-CHAVE:

Símbolo, Significado, Arquitetura Religiosa.

1. INTRODUÇÃO

O meio em que o ser humano se encontra imerso está carregado de simbologias que o encaminha a melhor compreensão daquilo que está em sua volta. A relação entre o símbolo e seu significado está associado ao meio em que está inserido, ou seja, ao longo da história humana, diversos elementos receberam importantes significados e se tornaram símbolos de uma sociedade de uma religião, por exemplo, e assumiram um papel de reconhecimento.

A conformação de um espaço para a inserção de seres humanos deve estar baseada na busca do belo e, principalmente, da harmonia¹ (SVITRAS, 2017). Esta deve ser concebida através de uma complexa ligação entre proporções e simbologias, que são caracterizadas como uma construção do próprio indivíduo que usufrui. Stigar (2008) afirma que o conceito de belo entra na crítica da obra de arte em parceria com as noções de gosto, de equilíbrio, de harmonia, de perfeição - efeitos que se produzem sentido no sujeito apreciador. É intuitivo ao ser humano ter crenças que o encaminham para uma metodologia de vida, estas crenças podem estar, muitas vezes, relacionadas a religiões, irmandades e fraternidades que se diferem pela metodologia em que os ritos são executados, mas se assemelham

1 Segundo o filósofo Hegel, a beleza retratada através da arte, neste caso sendo relacionada a arquitetura, é o caminho de se alcançar formas sublimes através de infinidade de meios que a natureza, finita, proporciona às mãos de quem executa. Sendo assim, o belo artístico consegue ser infinito por se relacionar ao espírito, ao contrário do natural que está limitado em si.

pelo emprego de simbologias: conformação do espaço interno, ornamentação, uso de materiais e técnicas construtivas, e até mesmo a própria arte empregada através de quadros e pinturas pode representar um meio catequético. Mesmo possuindo símbolos característicos de cada religião, sua existência é a prova de que existe a necessidade do ser humano atingir experiências com o transcendente.

Deste modo, é essencial compreender como o símbolo, que pode ser expresso e utilizado de diversas formas, é perpetuado ao longo de toda a história na Arquitetura Cristã como representação do transcendente ou como representatividade do universo. Carregada de simbologias, a Arquitetura Eclesiástica carrega uma grande utilização de significados em seus rituais e estes tiveram diferentes empregos durante o processo de difusão e consolidação das igrejas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. PALEOLÍTICO

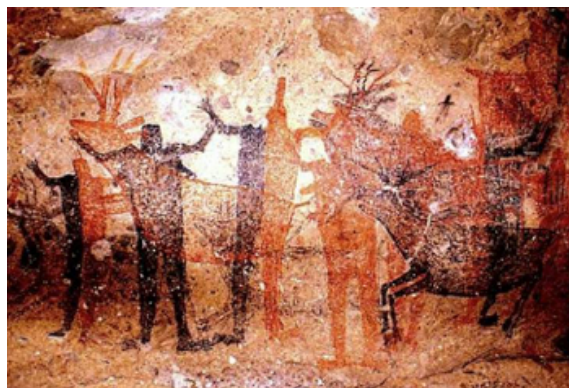


Fig 1 - A representatividade transcrita nas pinturas rupestres elucida o desejo do homem sobre o ambiente.
| Fonte: <http://paleoliticonoticioso.blogspot.com.br/2013/04/el-arte-rupestre-de-los-primeros.html>

Nos primórdios da humanidade, os espaços físicos religiosos já se conformavam, não tão claramente como hoje em dia, mas estes podiam ser conquistados, apropriados, organizados, carregado de sentidos e intencionalidades, habitado conforme seus desejos e interesses, mas sendo prático para utilização. Esse uso transcreve o significado e o significante propostos, convertendo-se em extensão de seu ser individual ou coletivo. Geralmente, esses lugares possuíam a continuidade, a ordem e a beleza e assim eram facilmente classificados como locais cósmicos. Não eram tratados com noções de proporção e beleza, mas remetiam facilmente a praticidade de executar aquilo que lhe foi destinado (GOMBRICH, 1909). A experiência com o cósmico levava os indivíduos a um contato com o transcendente, reconhecendo que existe a presença de um ser sagrado que se mostra com benevolência. Mas, de forma geral, essa presença e manifestação transcendental ocorria em locais fixos, onde era permitido viver sua existência. Frade (2007) evidencia que a partir deste momento, a busca por símbolos que elevam o contato terreno do homem com o sagrado se torna o início da busca por experiências que iriam além do mundo físico.

alcançar: ordem, forma e o modo para se dominar a natureza rebelde, já que neste tempo histórico acreditava-se que rio sem peixes, colheita improdutiva, terra infértil etc, era a natureza fora do seu estado de equilíbrio (FRADE, 2007).

O esquema geral e natural do Templo é a simples paisagem constituída pela colina com sua gruta, pedras, árvores e fonte, tudo circunscrito e protegido por uma 'linha' anunciando o caráter sagrado do lugar. [...] Quando surgiu a arquitetura, o templo se tornou uma casa e seus componentes minerais e vegetais se transpuseram para constituir os próprios elementos do edifício. Assim sendo, a 'linha' bem acabada ou rudimentar se tornou parede; as árvores se transformaram em pilares; a pedra se tornou o altar; a gruta fez surgir o nicho da abside e o teto foi assimilado ao céu. Assim surgiu o templo, como uma paisagem edificada. (FRADE, 2007 apud PASTRO, 1984. p. 11)

De forma clara, o autor acima elucida sobre o início da conformação de um espaço físico, de como a paisagem natural mutável começa a ganhar formas mais rígidas através do processo de edificação. Este fato é comprovado no período Neolítico, os homens pré-históricos levantavam colunas de pedras verticais em honra a acontecimentos ou divindades – menir, e perceberam que a junção de algumas dessas colunas, quando postas em conformação cilíndrica ou defronte, com uma espécie de coluna horizontal apoiada, facilmente conhecida como laje, conformava um espaço físico que recebia funções diversas – dólmen AGUIAR, 2016). Como pode ser visto nas imagens abaixo, a conformação do menir que evolui para o dólmen mos-

tra claramente uma relação de estrutura pilar e laje, remetendo a construção e delimitação de um espaço.

A comunidade que desenvolve a construção de um templo irá implementar as características locais, assumindo elementos que consideram pertinentes como representação da época (FRADE, 2007). Para os gregos, o templo seria classificado apenas como uma morada para o deus e estaria localizado em locais altos como simbologia à proteção divina.

2.2. ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Sobre a planta baixa do templo grego Parthenon (447a.C a 432 a.C, Atenas, Grécia), Frade (2007) cita as classificações dos ambientes constituintes em: naos – local onde ficava a estátua representativa do deus e a pronaos – local simbólico entre interno sagrado e externo profano.

No templo romano, sua composição interna recebe colunatas que possibilitam a criação de locais sociais para cultos. Como é possível observar na figura a seguir, a forma circular da planta baixa do Panteão (27 a.C.–14 d.C., Roma) difere no que estava sendo feito nos templos gregos, pois esta apresenta a marcação da colunata externa apenas na fachada frontal e sua simetria está apenas no eixo longitudinal.

Marcos Vitrúvio, arquiteto romano do século I, deixa seu legado com o Tratado de Arquitetura que revela claramente a composição dos templos romanos e trata sobre a orientação a que deve estar inserido

– regra que é seguida até hoje na construção de templos religiosos.

Acerca da orientação do edifício, dá estas regras: se não há nada que impeça e se há possibilidade de uma livre escolha, deve-se tomar cuidado para que o simulacro (signum), colocado na cela, olhe para o ocidente (ad vespertinam coeli regionem), de modo que os sacrificadores e assistentes do sacrifício [...] e os próprios simulacros olhem-se uns aos outros a partir do oriente. [...] Vitruvius testemunha também a preocupação de que o lugar sagrado suscite a devoção em quem o vê [...]. (FRADE, 2007 apud CATTANEO, 1967, p.21)

Com a difusão do cristianismo neste primeiro período, principalmente em Roma que estava ligada ao culto apostólico, seus participantes não viam a necessidade de um espaço físico para suas reuniões, pois acreditavam que cada um era pedra viva do corpo espiritual de Cristo. Suas assembleias da Palavra e os cultos espirituais aconteciam em salas de casas romanas ou em locais cedidos por cristãos mais abastados, de modo que tudo acontecia em locais não marcados, principalmente pelo fato que neste período os seguidores do cristianismo eram perseguidos, logo suas reuniões deveriam acontecer em locais não marcantes. As catacumbas², nossos atuais cemitérios, são exemplos de locais que os cristãos da época tinham para se reunir e tinham a intenção de proporcionar um local digno para os mortos da

² Galerias subterrâneas escavadas no tufo.

Fig 2 - Exemplo de Menir | Fonte:http://uncyclopedia.wikia.com/wiki/File:Brittany_menhirs.jpg



Fig 3 - Exemplo de Dólmen | Fonte:www.infoescola.com/arquitetura/monumentos-megaliticos/



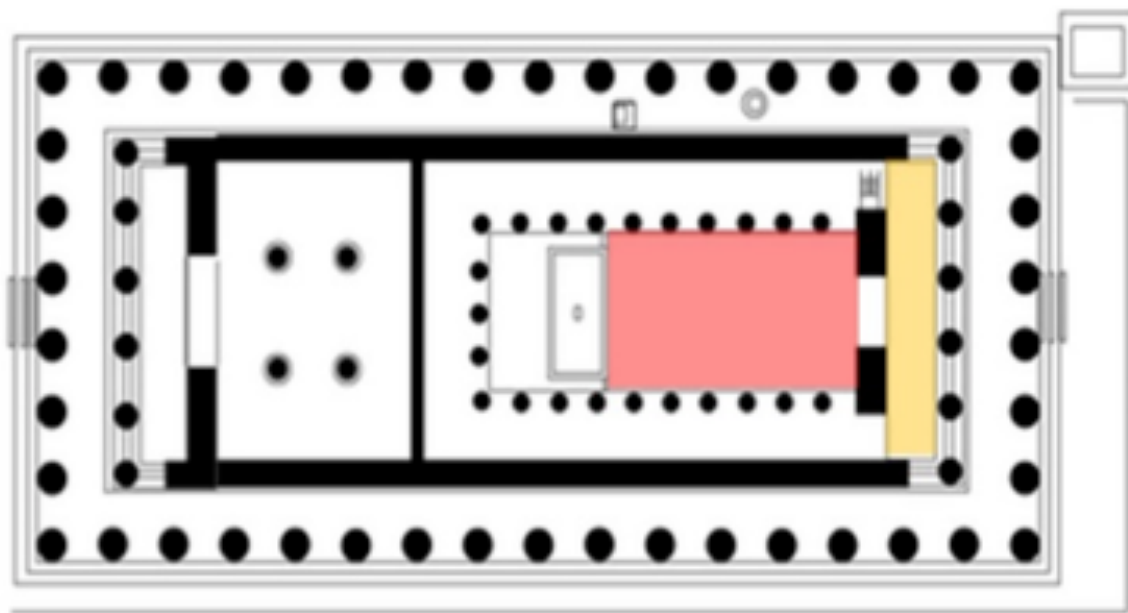


Fig 4 - Planta Baixa com marcação de Naos e Pronaos do Parthenon. | Fonte: <https://thepursuitofbeautyblog.wordpress.com/2015/10/21/a-simetria-na-arquitetura/> | Intervenções de imagem: Gabriella Assis Sales

48



Fig 5 - Divisão da fachada dos templos gregos | Fonte: <http://desenho-classico.blogspot.com.br/2016/05/o-templo-grego.html>

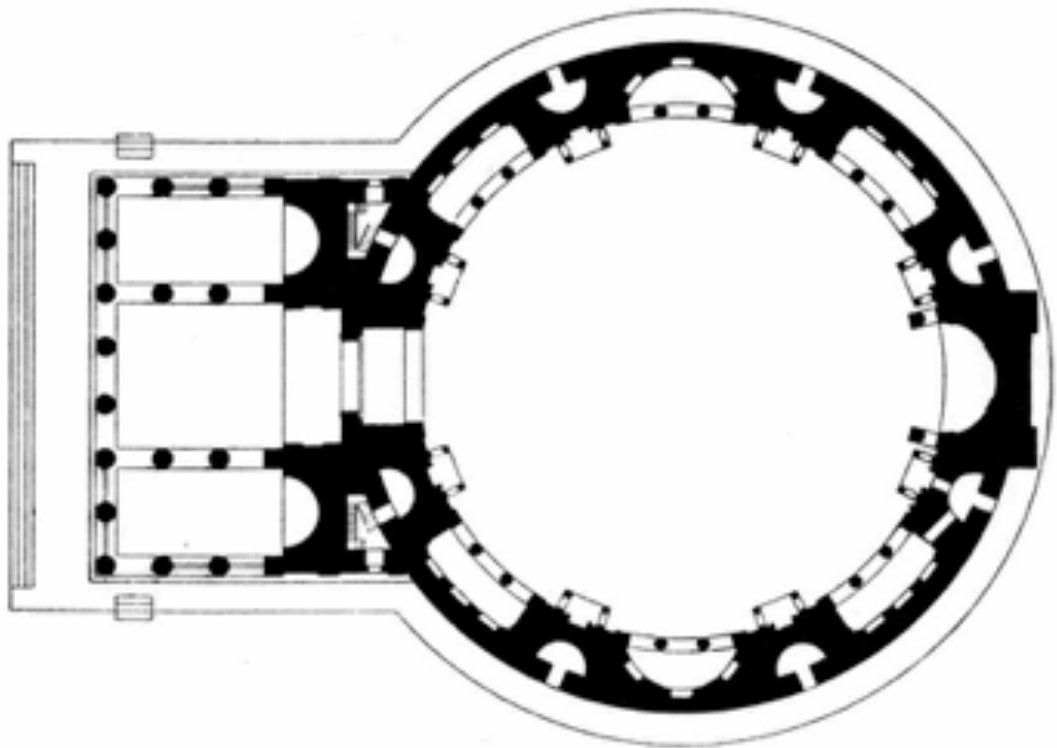


Fig 6 - Planta Baixa Panteão Romano. | Fonte: <<http://umolharsobrearte.blogs.sapo.pt/8235.html>>



Fig 7 - Fachada frontal e lateral esquerda do Panteão Romano mostra a diferenciação do templo grego. Este já recebe forma circular através do uso de abóbadas e uma cúpula. | Fonte: <http://www.janelaitalia.com/o-panteao-romano/>

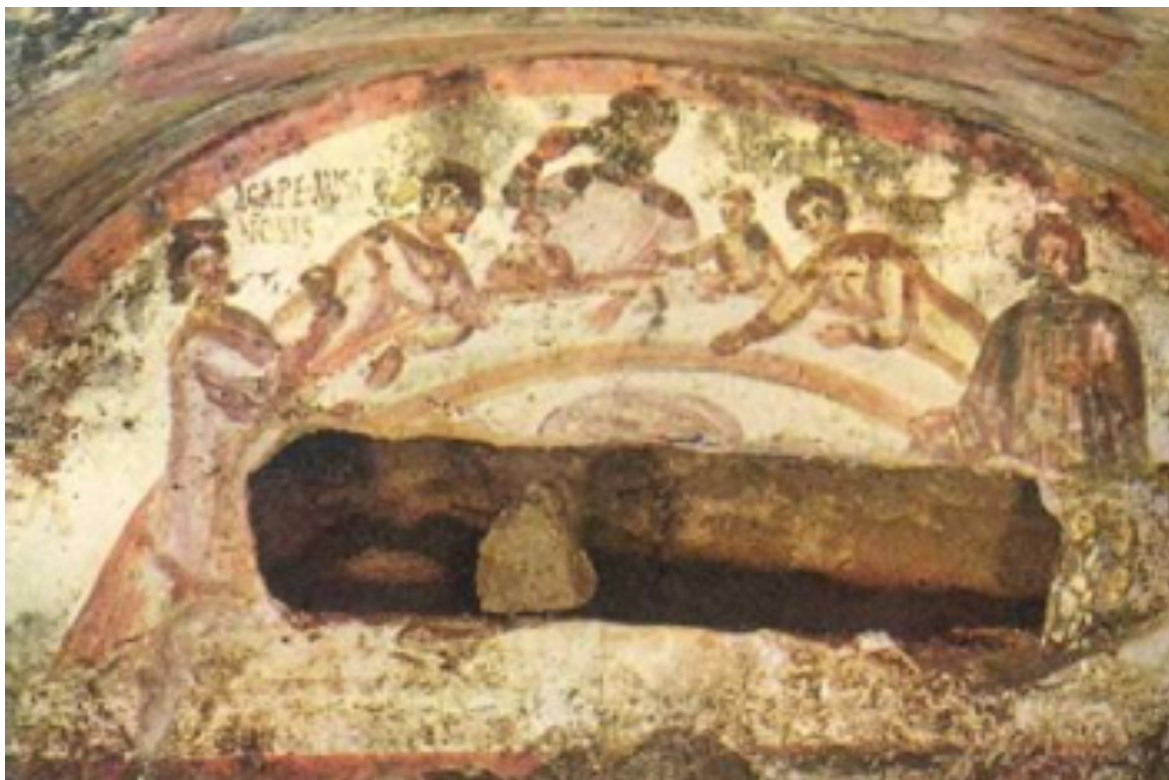


Fig 8 - Catacumba com afresco representando a Santa Ceia de Jesus e, logo abaixo, um túmulo. | <http://pointdaarte.webnode.com.br/news/historia%20da%20arte%20paleocrist%C3%A3/>

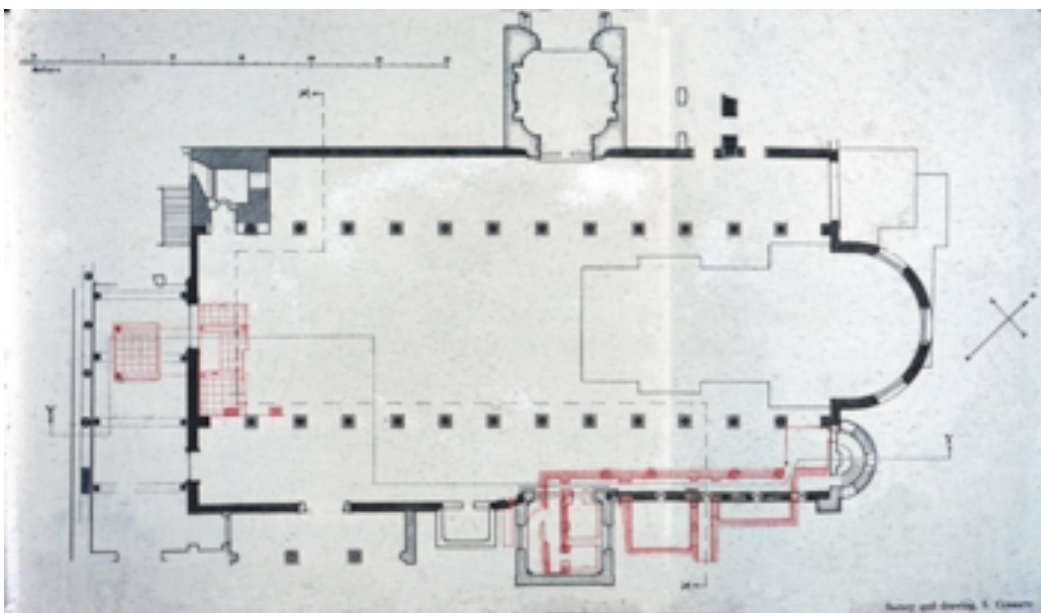


Fig 9 - Planta Baixa da Basílica de Santa Sabina mostra a divisão interna das naves. | Fonte: <http://www2.oberlin.edu/images/Art336/366-007.JPG>

comunidade, pois não se aceitava a cremação (FRADE, 2007).

2.3. IGREJAS ROMANAS

O judaísmo, religião monoteísta mais antiga já conhecida, surgiu por volta de 1800 a.C. e influenciou diretamente algumas simbologias cristãs já no início dessa nova religião que surgia. Frade (2007) mostra que o gradativo crescimento da religião cristã após a liberação para liberdade de culto em 313 d.C. como religião oficial do império, trouxe como consequência a necessidade de buscar locais maiores para comportar o número de fiéis – basílicas paleocristãs.

As Basílicas não surgem neste período de ascensão do cristianismo. De acordo com Werner (2014), já eram conhecidas no Império Romano como estruturas arquitetônicas que tinham uma função econômica e jurídica, e que sofreram uma série de modificações estruturais até serem adotadas como edifícios religiosos. A planta da Basílica de Santa Sabina (Roma), considerada uma das primeiras basílicas cristãs construídas, é formada por uma nave central maior que as laterais, tanto na largura quanto na altura, sendo que na central abriga uma grande quantidade de janelas.

As sinagogas judaicas foram a base para as igrejas cristãs que usaram elementos judaicos na conformação do espaço para a realização de cultos (cristão x judaico): amplo estrado para os leitores (espécie de palanque baixo colocado sob piso eleva-

do) x bema; trono ou altar para o evangelho x arca com véu; candelabro x menorá (candelabro sagrado com sete braços); cadeira dos bispos x menção a cátedra de Moisés e banco dos presbíteros (FRADE, 2007).

De uma forma geral, a configuração interna de uma sinagoga não foi alterada, da mesma forma que uma igreja cristã, permanecendo constante grande parte da disposição de seus elementos. A partir dessas considerações, é possível comparar dois templos religiosos semelhantes entre judaísmo e cristianismo conforme figura 10 e 11. A primeira, Sinagoga de Carfanaum do século IV ou V. Ainda que em ruínas, é possível destacar a presença de uma nave central, delimitada pelas colunatas, separando das naves secundárias. A segunda, a Basílica de Santa Sabina de 422, tem semelhanças com a sinagoga acima citada quanto a disposição interna dos elementos, ressaltando apenas a ausência de um palanque central, sendo este deslocado para junto do altar. Diferem-se pelo simples fato da orientação, onde as entradas devem estar localizadas a leste, ao nascer do sol.

Neste período paleocristão, muitas basílicas não comportavam apenas a função para culto religioso, mas atrelava-se funções secundárias de mercado, edifício bancário e bolsa, sala de justiça e simples ponto de encontro (COLIN, 2011). A conformação básica de sua planta baixa, (como citado no exemplo acima da Basílica de Santa Sabina e de acordo com a figura abaixo) bem como das primeiras

construções religiosas desse período, é distribuída em: pátio e/ou átrio com pórticos –simbologia da passagem do mundo profano para o sagrado. Dentro haviam as naves, central e laterais, a primeira mais alta possibilitava a locação de janelas laterais, e a segunda acomodava os fiéis, e ao final da nave, a abside, semicircular ou poligonal, que abrigava o altar (FRADE, 2007).

2.4. IGREJAS BIZANTINAS

Em meados do século IV, Constantino, imperador do império romano, transferiu suas tropas para Bizâncio, entre a Ásia e a Europa, nascendo a arte bizantina no oriente com influências greco-romanas, mas com grande presença do vernáculo oriental, empregando tijolos e argamassa (FRADE, 2007).

Nesse novo contexto do império, algumas modificações aconteceram no modo de se fazer as igrejas, distanciando das basílicas romanas: configuração multifacetada, a cúpula apoiada em tambor e este sobre os arcos, uso de telhas finas e a aproximação com o altar através da planta com eixo central ou cruz grega (braços com mesma medida). Quando esta última acontecia, era implementado na extremidade dos braços as abóbadas e tambor, pois este último realizava a transição da base quadrada para a base circular onde se assentaria a cúpula.

De modo geral, a maioria das igrejas construídas neste período era de forma centralizada (figura 13), tendo como exemp-

lo a Basílica de Santa Sofia (532 d.C.) em Constantinopla, dos arquitetos Antêmio de Trales e Isidoro de Mileto. Foi uma das primeiras construções desse período e carregou todas as características fundamentais do período, surgindo o novo modo de fazer igreja, pois conseguiu explorar ao máximo a volumetria das fachadas, assumiu o uso de cores no interior e agregou técnicas matemáticas avançadas no sistema estrutural.

2.5. IGREJAS ROMÂNICAS

No século XI, novos arquitetos italianos, principalmente os de Lombardia, buscavam unir a forma basilical com aplicações bizantinas para encontrar um novo sistema para cobrir as naves com abóbadas.

De acordo com Colin (2011) as construções arquitetônicas românicas implementam transeptos e um coro ampliado para as laterais, perpendicular à nave, formando a planta em cruz latina, como pode ser visto na figura 16. É o símbolo máximo do cristianismo, diferindo-se da cruz grega por apresentar os braços laterais mais curtos.

Conforme pode ser visto em figura acima, a marcação feita em tom rosa mostra facilmente a nova conformação da planta cruciforme, que também é ampliada e ganha mais uma colunata nas naves laterais. Quanto às soluções arquitetônicas, o estilo românico é marcado pelo uso de arcos para suportar o peso das abóbadas e a criação do matroneo, identificado como uma varanda interna sobre as

naves laterais, dando visibilidade à nave principal. O corpo eclesiástico inicia uma forte influência em um novo modo de se fazer arquitetura religiosa, contando com a presença de várias capelas e altares, compreensão do espaço litúrgico e, conseqüentemente, uma nova configuração do espaço interno.

2.6. IGREJAS GÓTICAS

Em meados do século XII, surge uma vertente desenvolvida das técnicas utilizadas pelos românicos durante a Idade Média, as igrejas góticas marcam fortemente o final deste período, e se tornam um contraponto a tudo que estava sendo produzido. As largas paredes e as abóbadas de arcos semicirculares são substituídas por estruturas esbeltas com segmentos de arcos que garantiram alcançar estruturas mais altas – arcos ogivais.

De acordo com FRADE (2007), a principal preocupação das construções deste período é a estrutura, composta por colunas, arcobotantes exteriores, contrafortes, arcos, abóbadas nervuradas, tudo sustentado pelo equilíbrio das forças, e os vãos são preenchidos por vitrais multicoloridos por onde permeia a luz. Neste momento, a arquitetura de igrejas cristãs consegue atingir significativas transformações.

A partir das imagens acima é possível identificar que as modificações góticas vão além da planta baixa, que continua a ser em cruz latina. Elas estão presentes na verticalidade alcançada por torres, na nudez da estrutura, na ornamentação da



Fig 10 - Sinagoga de Carfanaum. | Fonte: <http://www.pt.josemariaescriva.info/artigo/cafarnaum2c-a-cidade-de-jesus>



Fig 11 -Basília Santa Sabina, Piazza Pietro D'Iliria – Roma. | Fonte: < <http://www.oggiroma.it/eventi/visite-guidate/basilica-di-santa-sabina-apertura-straordinaria/28497>

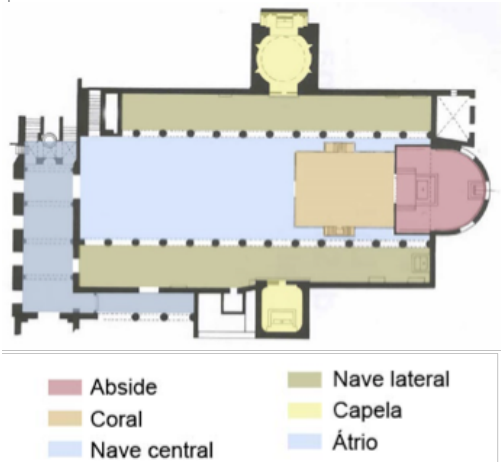
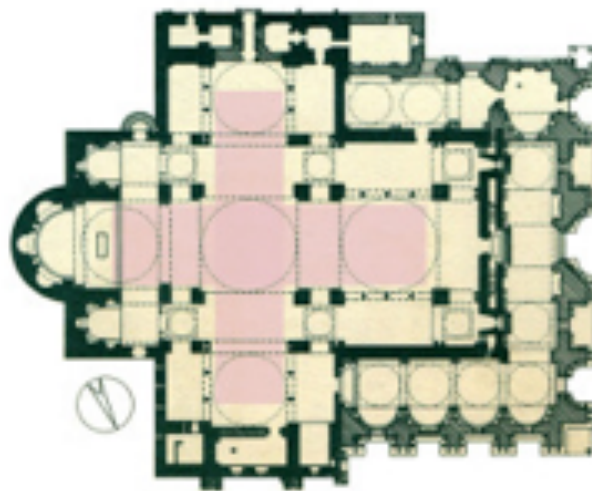
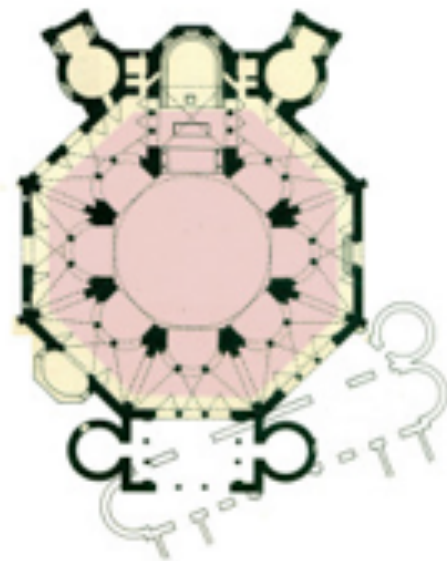


Fig 12 - Planta baixa da Basílica Santa Sabina, Roma. | Fonte: http://apuntes.santanderlasalle.es/artepaleocristiano/arquitectura/basilica_santa_sabina_roma_planta.jpg | Intervenções de imagem: Gabriella Assis Sales



Copplestone, 63, p. 171 e 179

Igrejas de São Vital de Ravena (526-48) e São Marcos de Veneza (1042-85)

Fig 13 - Exemplo de planta baixa de Igreja Bizantina. Primeira planta mostra centralidade, já a segunda mostra exemplo de planta em cruz grega. |
Fonte: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-i/>



Fig 14 - Exterior da Basílica de Santa Sofia mostra multifaces. | Fonte: <https://belostemplos.wordpress.com/2016/09/19/basilica-de-santa-sofia-turquia/>



Fig 15 - Interior da Basílica de Santa Sofia com escala monumental dos elementos que foram empregados. | Fonte: <https://intensecare.wordpress.com/2013/07/07/um-pouco-sobre-a-basilica-de-santa-sofia/>

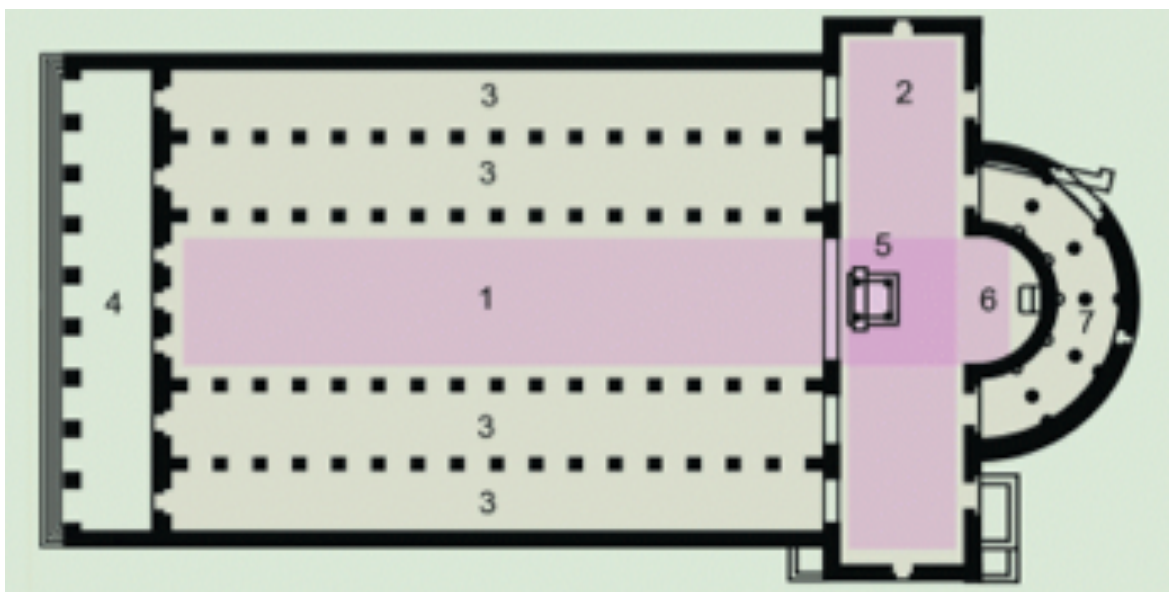


Fig 16 - Basílica de São João de Laterano, Roma (313-19 d. C.) | Fonte: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-ii/>

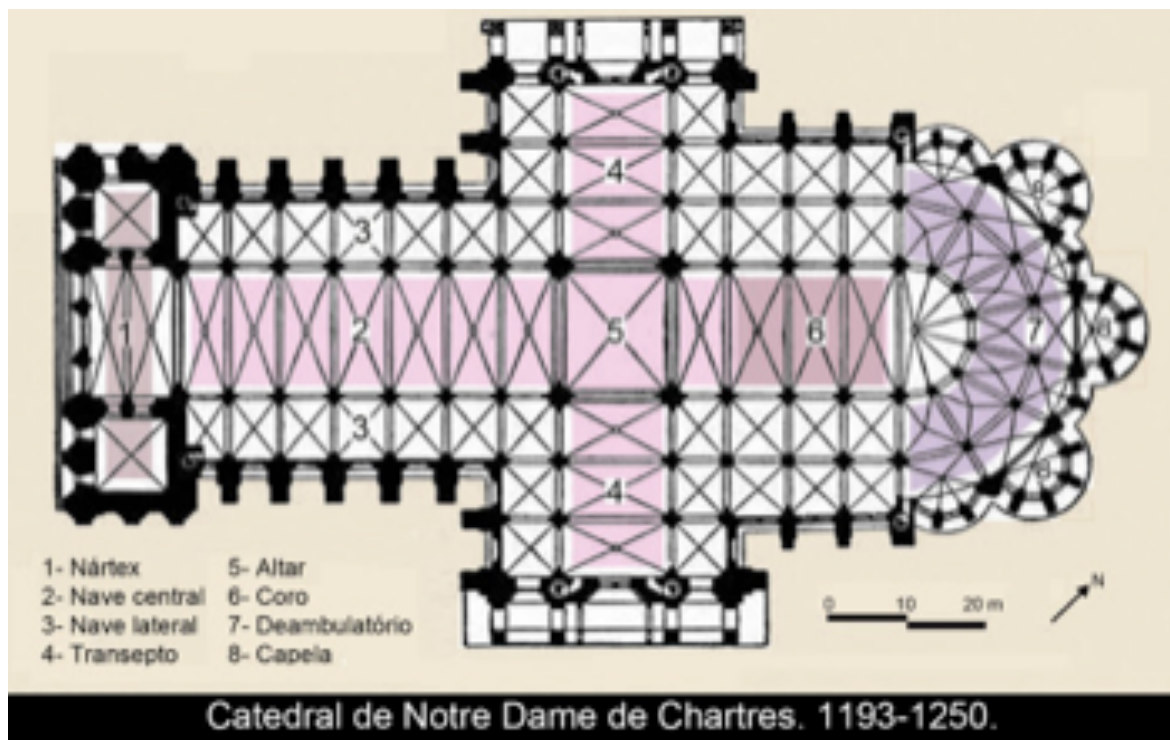


Fig 17 - Planta baixa da Catedral de Notre Dame de Chartres com a representação da projeção dos arcos presentes em sua estrutura, bem como a grande abertura para vitrais nas fachadas. | Fonte: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-i/>

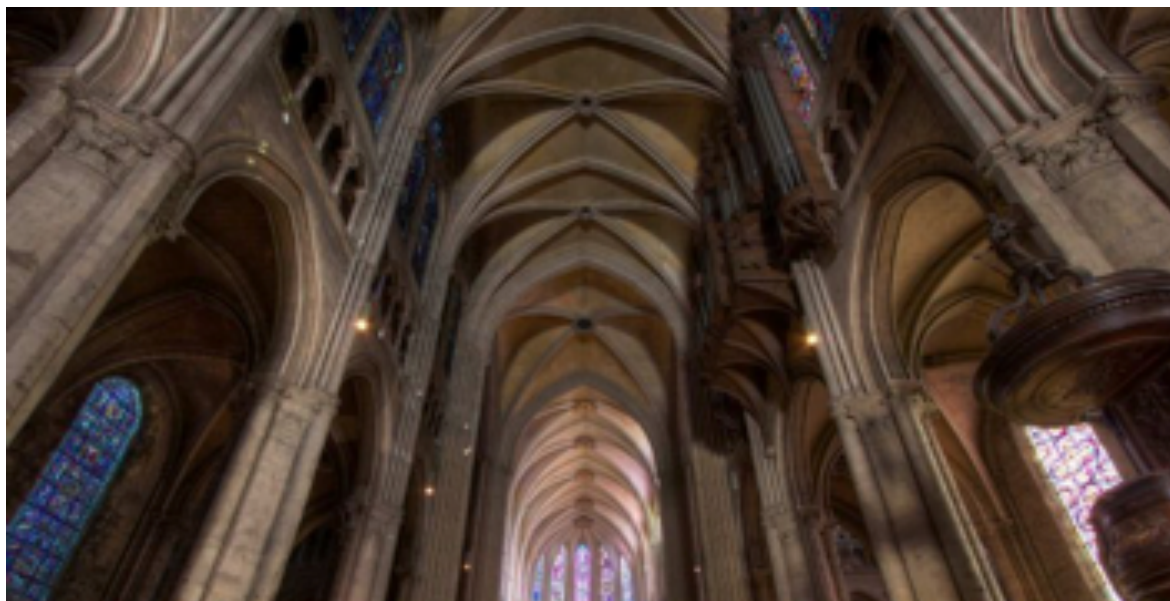


Fig 18 - Interior da Catedral de Notre Dame de Chartres, França. | Fonte: <http://www.abc.net.au/radionational/programs/blueprintforliving/iconic-buildings3a-chartres-cathedral/6642224>

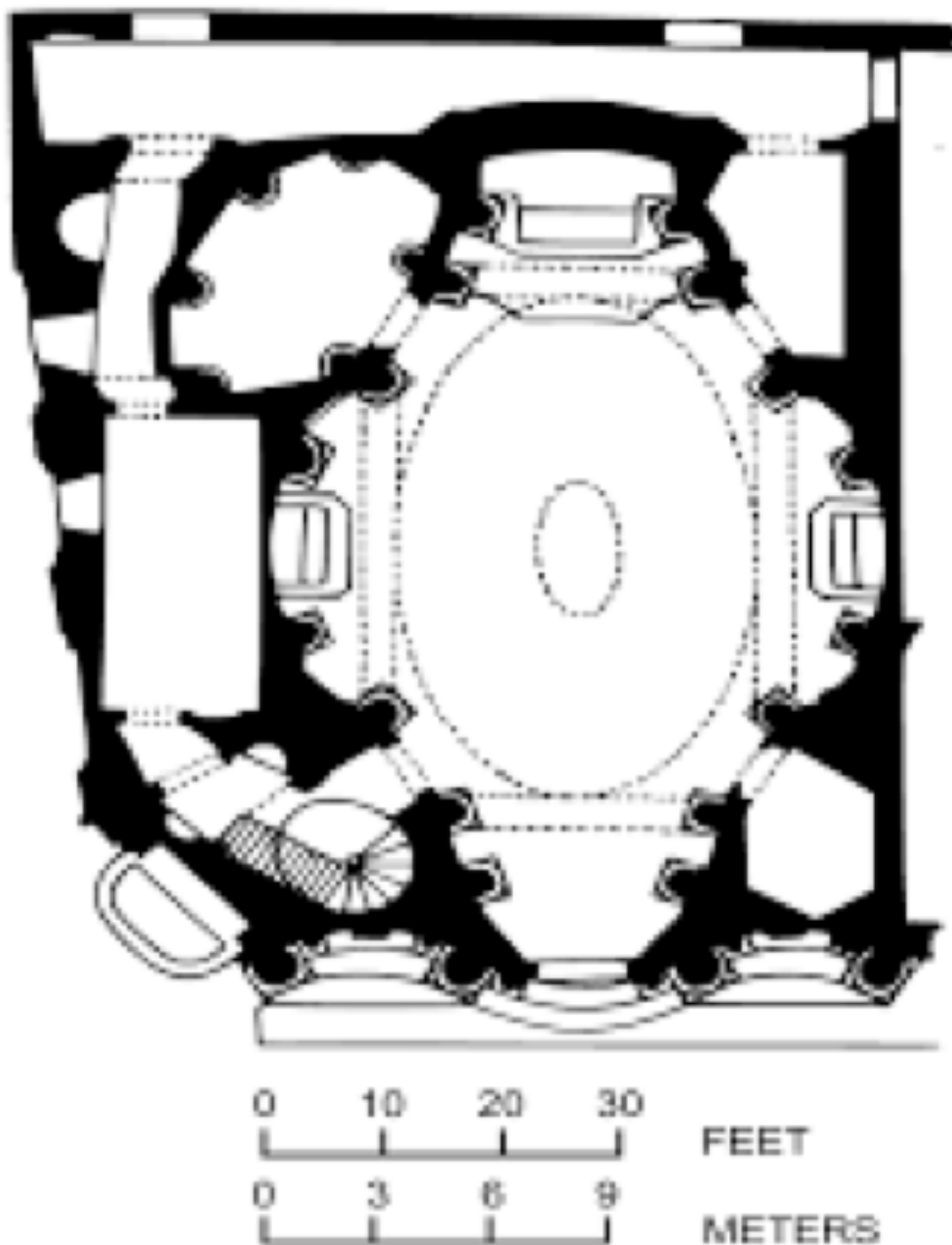


Fig 19 - Planta Baixa Igreja San Carlo alle Quattro Fontane, Roma. | Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/San_Carlo_alle_Quattro_Fontane



Fig 20 - Interior da Igreja de Gesù, Roma. | Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Jesus



Fig 21 - Catedral da Sé, São Paulo. | Fonte: <http://www.arquisp.org.br/noticias/arquidiocese-celebra-aniversario-da-dedicacao-da-catedral-da-se>

fachada principal, na presença da luz no interior.

Dessa forma, a catedral medieval típica dominava a cidade e afirmava sua preeminência por sua massa, seu volume e sua grande altura. Caracterizava não só a religião católica, mas também a riqueza, o poder do clero, bem como o sacrifício de toda a coletividade e o orgulho da cidade. Nesse sentido, essa grandeza estava pouco ligada à expressão do culto comunitário e muito mais a imagens de espiritualidade e de anseio de expressão mística (FRADE, 2007, p.45).

2.7. IGREJAS BARROCAS

Dentro do contexto histórico da sociedade cristã do século XVI, está o desequilíbrio provocado pela Reforma Protestante, que teve como mentor Martinho Lutero que protestou contra diversas questões da Igreja Católica Romana. Diante da fragilidade que se encontrava e dos constantes fieis que se afastavam, a igreja inicia um processo de reestruturação de algumas estruturas cristãs, avaliando as críticas da Reforma Protestante, além de reformular o aspecto morfológico arquitetônico (COLIN, 2011).

Diante da necessidade de atrair novos fieis e resgatar os antigos, a igreja católica vive o período Barroco, fortemente marcado pela formatação peculiar da ornamentação intrínseca à arquitetura, bem como a aplicação da nova formatação interna.

A Igreja San Carlo alle Quattro Fontane (1641) em Roma, do Arquiteto Giovanni Borromini, possui uma nova conformação que subtrai as naves laterais para adicionar altares laterais e/ou capelas, e neste caso analisado, a estrutura curvilínea confere a sensação de movimento a todo o corpo da igreja, tanto em seu interior quanto na fachada. O piso oval da cúpula se inscreve dentro de uma estrutura retangular, em combinação com a forma de um losango cujos vértices arredondados correspondem à entrada, as capelas laterais e o altar principal (WIKIARQUITECTURA, 2017).

As igrejas barrocas como um todo são reconhecidas pelo excesso de ornamentação e dinamismo, uso do claro e escuro e dramaticidade, que foram empregadas na linguagem formal da edificação. Mas Frade (2007) cita que de forma abrangente, o exterior das igrejas barrocas não é tão decorado quanto o interior, pelo fato de que a cena dramática se daria no interior por meio iluminação das janelas ocultas e curvas da ornamentação.

2.8. IGREJAS NEOCLÁSSICAS

Marcado por um movimento repleto de exageros formais e ornamentais, o estilo barroco é abandonado durante o século XVIII com a justificativa de que era preciso resgatar a antiguidade greco-romana, enfatizando os modelos da arquitetura e a racionalidade e funcionalidade das formas. Entretanto, os arquitetos neoclássicos não se dispuseram a conformar um novo modelo de se fazer arquitetura com base nas regras da antiguidade,

mas reproduziram os templos na íntegra dentro do novo contexto urbano. Isso se deu pelo fato que as edificações greco-romanas eram resumidas em elevação do terreno através do pódio, colunata, entablamento, frontão e cúpula (principalmente em templos romanos). Como exemplo dessa arquitetura neoclássica, temos o Panteão Francês (Paris, 1790) dos arquitetos Jacques-Germain Soufflot e Jean-Baptiste Rondelet. Foi construído em planta de cruz grega para ser uma igreja, mas com sua conclusão se tornou o Panteão Nacional.

2.9. IGREJAS ECLÉTICAS

No século XIX, surge o Ecletismo, que pretende combinar, em um único trabalho, elementos de diferentes estilos históricos – revivalismo historicista. Para as construções de cunho religioso, houveram correntes que influenciaram a formação do ecletismo histórico: Neogótico, Neo-românico e Neobizantino.

A Catedral da Sé, figura acima, ressalta elementos góticos que resultaram na conformação de uma Catedral com 111 metros de comprimento, 60 de largura e torres de até 92 metros de altura, sendo composta por um corpo com 5 naves – proporções atingidas em muitas igrejas góticas europeias dos séculos XII e XIII (figuras 18 e 19 – Catedral de Notre Dame). Suas proporções, uso de estrutura com arcos ogivais, arcobotantes, escultura entalhadas e vitrais remetem facilmente ao gótico antes visto.

2.10. ARQUITETURA ECLESIASTICA NOS SÉCULOS XX E XXI

Para entender o caminho que a arquitetura religiosa segue no final do século XIX e início do século XX, é preciso entender a arquitetura concebida pelo Arquiteto Antônio Gaudí em Barcelona. Esse entendimento se dá a partir da Igreja da Sagrada Família em Barcelona (figura 28). Pois, a partir da arquitetura eclética que Gaudí emprega na igreja, inicia-se uma conceitualização quanto à importância da funcionalidade como quesito indispensável para a conformação da arquitetura religiosa, que não deveria ter base na arquitetura em sentido artístico, de forma que o culto recebesse sua real importância, bem como a relação do fiel com a divindade, contrariando os conceitos antes abordados de uma exposição superficial da arte (FRADE, 2007).

Analisando o emprego exacerbado de ornamentos e uma estrutura carregada na Sagrada Família, percebe-se que, na forma em que foi empregada, o entalhamento e esculturas da via sacra em fachada (figura 27), por exemplo, se tornam inerentes à composição arquitetônica. Tudo acontece como uma tentativa do arquiteto de aproximar os fiéis da cena cristã.

Foi claro pelos primeiros promotores do Modernismo, como Louis Sullivan, Frank Lloyd Wright e Otto Wagner, que qualquer aparência de elementos ou estilos históricos que não era de nosso tempo, deve ser rejeitado. Em primeiro lugar, essa

rejeição da tradição assumiu a forma de subtrair ou abstrair motivos tradicionais em edifícios. Mais tarde [...] a arquitetura modernista procurou acabar com a distinção entre chão e teto, interior e exterior, janela e parede, e sagrado e profano, em que a arquitetura se historiou historicamente. (STROIK, 1997, tradução nossa)

O ideário modernista para expressão da arquitetura, em geral, estava assimilado na racionalização formal e simbólica. Acontecia um processo de estética reducionista, a qual interessaria o uso de novos materiais – aço, vidro e, principalmente, o concreto armado, aplicados de forma a atender as necessidades básicas de uma igreja. Neste momento, críticas foram feitas a algumas igrejas construídas, pois muitas desviaram-se da forma tradicional e da iconografia das igrejas (VINNITSKAYA, 2013). Desta maneira, a estética cristã, bem como seus símbolos, foram resumidos, assumindo características externas que não se ligavam ao símbolo religioso antes conhecido.

A igreja acima é projeto do Arquiteto modernista Richard Meier. Nela é possível entender a nova estética aplicada, de modo que a função é exercida através da forma, mas esta última não apresenta claramente sua função.

O século XX, destacando o modernismo, é marcado por uma ruptura drástica nos métodos determinados anteriormente para a arquitetura religiosa, de modo que

a simbologia antes exacerbada e explícita, se tornou enxuta e implícita. Ou seja, as escolhas arquitetônicas para uma igreja moderna baseiam-se no simbolismo agregado à própria arquitetura. Vinnitskaya (2013) diz que a iconografia é frequentemente mantida, mas é menos enfática em relação ao altar de uma igreja católica tradicional em Roma.

3.2. CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA - OSCAR NIEMEYER

A Catedral Metropolitana de Brasília é o segundo estudo de caso que, apesar de estar em meados ao final do modernismo, apresenta técnicas construtivas e simbologias que seriam relevantes para o estudo.

Projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, este é o primeiro monumento de Brasília que apresenta um enorme peso arquitetônico pelas técnicas utilizadas. Suas composições arquitetônicas apresentam fortes características simbólicas que são empregadas em efeitos arquitetônicos, em um jogo de forma e luz e sombra.

Quanto às partes funcionais do interior da igreja, no térreo é onde se encontra a capela, num corpo principal de. Entendendo as partes que compõe a edificação e a localidade que está inserida, a Igreja sobre a Água não assume atividades frequentes, sendo o seu corpo eclesial reduzido. Conforme figura 33, a delimitação do local onde seria o presbitério (local onde se insere altar-mor e todos os outros elementos ritualísticos) se encontra

rebaixado, o que não é comum, pois sempre está elevado em relação ao local da assembleia. A ausência do altar-mor também é outra observação relevante para a igreja, possuindo apenas o ambão (local onde são feitas as leituras, antigo púlpito) que compõe a harmonia com os jarros de planta em forma de cone e as cadeiras projetadas pelo arquiteto.

3.2. CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA - OSCAR NIEMEYER

A Catedral Metropolitana de Brasília é o segundo estudo de caso que, apesar de estar em meados ao final do modernismo, apresenta técnicas construtivas e simbologias que seriam relevantes para o estudo.

62 Projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, este é o primeiro monumento de Brasília que apresenta um enorme peso arquitetônico pelas técnicas utilizadas. Suas composições arquitetônicas apresentam fortes características simbólicas que são empregadas em efeitos arquitetônicos, em um jogo de forma e luz e sombra.

A experiência fenomenológica da Catedral é iniciada através do caminho único que leva o visitante do exterior para o interior da edificação. Ele é feito pela longa praça em concreto com a demarcação do caminho feita pelas estátuas dos evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João – apóstolos que mais anunciaram a palavra de Jesus), elucidam o caminho para o anúncio. Logo após, todo o caminho até o subsolo é feito por um corredor

sem iluminação, suprido apenas pela iluminação natural, até chegar ao ápice da beleza que concerne a edificação: o corpo edificado com vitrais em cores vibrantes e pilares que encaminham a visão para o ponto mais alto, que ultrapassa a forma física, levando ao transcendente.

A composição formal da edificação é o ponto chave para que ela receba destaque, o uso do concreto armado num formado não usual, quando considerado a obra como um todo, conforme pode ser visto na figura 35, passa a ideia de esbeltez, em conjunto com os tons de azul e branco dos vitrais que parece flutuar por cima do corpo principal da igreja.

Os 16 elementos estruturais de seção parabólica [...] com 90 toneladas, escoram-se entre si e têm, ao rés do chão, um anel de tração que define um espaço de 70 m de diâmetro. Sustentam ao alto uma laje circular de cobertura plana de 16 m e são interligados por um anel de compressão embutido nos próprios elementos estruturais. (SEGRE; BAR-KI, 2012)

Os pilares de concreto armado fazem a composição da parte externa da catedral, de modo que esta também compõe a cobertura. Conforme figura 35, é possível compreender que as atividades de culto (assembleia, presbitério, secretaria, sacristia etc) estão abaixo do nível do solo e todos os pilares com vitrais se encontram acima deste nível.



Fig 22 - Cenas da Via Sacra em uma das fachadas da Sagrada Família | Fonte: <http://milhasapercorrer.blogspot.com.br/2011/12/basilica-da-sagrada-familia-ou-falling.html>

4. CONCLUSÃO

Apesar dos dois exemplos possuírem programas de necessidades diferentes, sendo a igreja de Tadao mais simplificada, por conformar o espaço de uma capela, ou pela catedral por possuir uma escala maior, agregando maior número de atividades, ao realizar uma análise comparativa entre os estudos de caso, é possível estabelecer elementos comparativos semelhantes entre as duas em seus aspectos fenomenológicos. Como citado acima, ambas possuem percurso ritualístico conformado por uma separação clara entre o mundo profano e o divino, tendo na transição entre os dois um percurso por escada, na Igreja sobre a Água e por uma rampa na Catedral Metropolitana, da mesma forma que a finalização visual estará sobre imensa luz que emoldura a cruz.

Fig 23 - Cenas da Via Sacra em uma das fachadas da Sagrada Família-ou-falling.html |







Fig 24 - Igreja de 2000, Itália. Fonte: <https://www.archdaily.com/20105/church-of-2000-richard-meier>. Richard Meier. 2000



Fig 25 - Interior da Capela da Santa Cruz, Arizona – EUA. | Fonte: <https://www.archdaily.com/131125/ad-classics-chapel-of-the-holy-cross-richard-hein>

Fig 26 - |Capela da Santa Cruz, Arizona – EUA. | Fonte: <https://www.archdaily.com/131125/ad-classics-chapel-of-the-holy-cross-richard-hein>



Fig 27 - Caminho ritualístico | Fonte: <https://www.archdaily.com/97455/ad-classics-church-on-the-water-tadao-ando> | Intervenções de figura: Gabriella Assis Sales

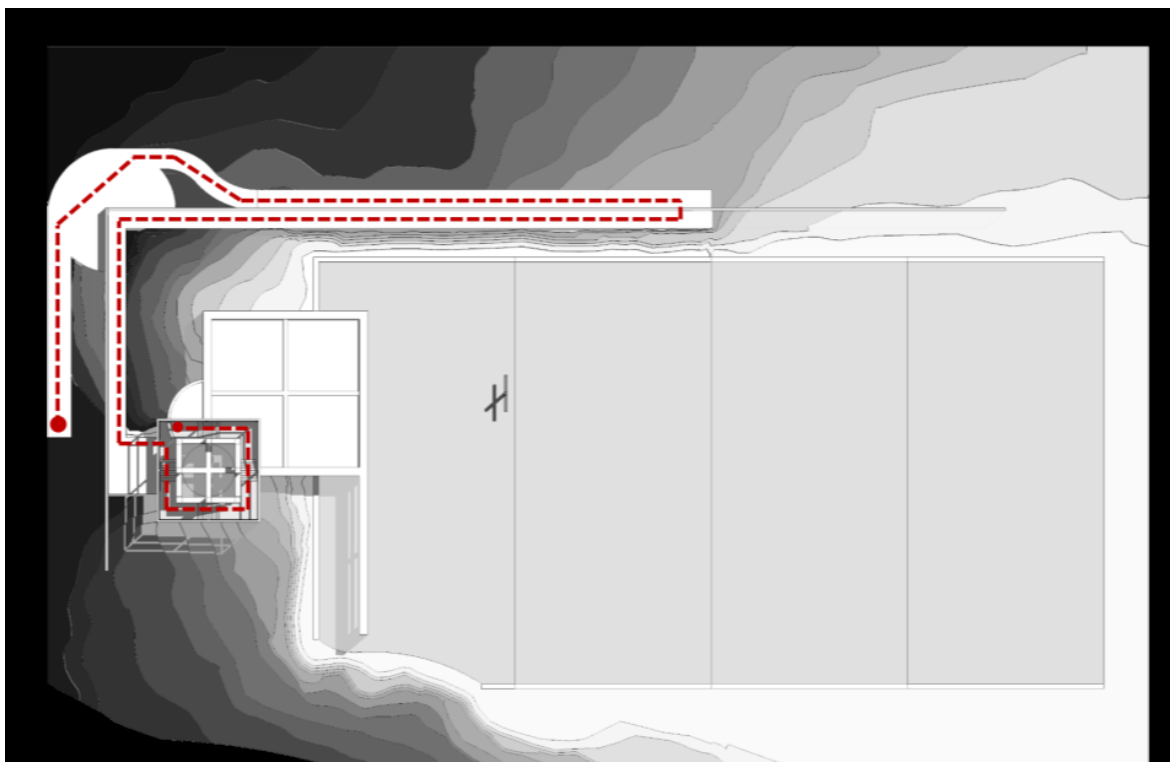




Fig 28 - Vista interna da Igreja. | Fonte: https://www.flickr.com/photos/ellens_album/sets/72157594233789919/



Fig 29 - Acesso principal da edificação | Fonte: <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275969-2.aspx>



Diante da linhagem histórica acima representada, é necessário destacar que as diversas características adotadas pelo cristianismo durante todos esses séculos para o culto a divindade estiveram relacionadas com a busca ao transcendente. No entanto as percepções de cada período foram diferentes, de acordo com sua lógica contemplativa, de modo que o espaço do templo sempre foi conformado para morada de Deus. Os gregos iniciaram esse processo em seu sentido literal, construindo o templo apenas como um local de morada e culto, mas os romanos iniciam esse processo de conformação de espaço religioso que perpetua até os dias de hoje: espaço destinado a sociedade, com a configuração de espaço litúrgico – a distribuição do espaço interno romano foi a base os diversos outros períodos posteriores (figura 11).

No século IV as igrejas iniciam um processo de afirmação do cristianismo, também associado a estabilidade do império, representadas pela escala dimensional. Neste momento, as proporções de largura e altura representam a importância cristã (figura 15). A partir das igrejas bizantinas, assumi-se as fachadas múltiplas e a planta centralizada, colocando o altar – símbolo maior do cristianismo – ao centro. A configuração radial bizantina foi base para que as igrejas românicas implantassem a planta em cruz latina, o que seria um prolongamento dos braços da cruz grega bizantina. Retirando o altar do centro e colocando em uma das extremidades, associou os braços laterais a capelas.

O gótico, bem como o barroco, são períodos que apresentam características marcantes quanto ao reconhecimento da arquitetura religiosa. As igrejas góticas empregam técnicas construtivas que verticalizam o espaço interno, ganhando maior pé direito e aberturas que recebem vitrais. Seu conceito baseia na percepção do homem como ser pequeno diante da imensidão de Deus e o caminho feito até Ele é através da luz. Da mesma forma, a igreja barroca, emprega em sua arquitetura detalhes relevantes para atrair o fiel através do vislumbre dos altares carregados de ouro e ornamentação, como tentativa de reassumir o poder da igreja católica após os fortes ataques da Reforma Protestante.

Por fim, acontecendo de forma simultânea no início do século XX, o modernismo e o Movimento Litúrgico resultam em modificações significativas, tanto do âmbito arquitetônico, através da afirmação de uma arquitetura mais contemplativa, o qual apresentou a subtração de muitos símbolos religiosos para que o espaço aparecesse de forma mais simplista; e a busca por ritos mais fáceis de serem compreendidos, a fim de causar maior proximidade do fiel com a igreja e seu ritual. Neste período, há muitas críticas quanto ao simplismo empregado pelos modernistas, podendo ter resultado em uma arquitetura fria por conta do excesso de simplicidade. Algumas dessas questões estão presentes até os dias atuais, porém, o que se percebe atualmente é uma busca maior por texturas e ornamentos que vão além do

concreto armado.

A estética modernista permeou a conquista de Corbusier na arquitetura religiosa e parece que os arquitetos contemporâneos seguiram esses passos, rompendo a tradição para criar uma experiência religiosa baseada na meditação e na contemplação, independentemente do credo. (VINNITSKAYA, 2013, tradução nossa)³

Diante deste estudo que percorreu todo o contexto histórico dos elementos compositivos da arquitetura cristã, pontuando os aspectos simbólicos de destaque, conclui-se que o fiel reconhece sua fé a partir de sinais, sendo estes empregados de modos diferentes, com destaques diferentes ao longo dos períodos, mas é universal a necessidade de reconhecer o motivo da fé através do único elemento imutável: a cruz, pois através dela o cristão reconhece o sacrifício da ressurreição de Cristo.

71

³ e modernist aesthetic permeated Corbusier's take on religious architecture and it seems that contemporary architects have followed in these footsteps, breaking from tradition to create a religious experience based on meditation and contemplation regardless of creed.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. "As construções Nuragues e Dolmens no Período Neolítico. Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/as-construcoes-nuragues-dolmens-no-periodo-neolitico.htm>>. Acesso em: 25 de out. 2017, 10:18:39

ARQUISP. Arquidiocese celebra aniversário da Dedicação da Catedral da Sé. Disponível em <<http://www.arquisp.org.br/noticias/arquidiocese-celebra-aniversario-da-dedicacao-da-catedral-da-se>> Acesso em: 13 de nov. 2017, 21:18:45

COLIN, Silvio. Morfologia da igreja barroca no Brasil – I. Disponível em:<https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-i/>> Acesso em 13 de set. 17, 15:39:40

COLIN, Silvio. Morfologia das Igrejas Barrocas II. Disponível em:

<<https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2012/05/09/morfologia-das-igrejas-barrocas-ii/>> Acesso em 03 de nov.2017, 18:32:46

DANTAS, Tiago. Judaísmo. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/religiao/judaismo.htm>>. Acesso em: 12 de set. 2017, 15:17:50.

FRADE, Gabriel. Arquitetura Sagrada no Brasil: Sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2007.

GIMENES, Lourenço. Tadao Ando, A Arquitetura Silenciosa. Disponível em: <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/154/artigo39513-1.aspx>> Acesso em: 20 de nov. 2017, 10:26:09

GOMBRICH, E.H. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HOLANDA, Marina de. Clássicos da Arquitetura: Igreja sobre a Água / Tadao Ando. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-58296/classicos-da-arquitetura-igreja-sobre-a-agua-tadao-ando>> Acesso em: 19 de nov. 2017, 16:50:35

PEIXOTO, Valéria. Arte paleocristã: Arte das catacumbas. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/arte-paleocrista-arte-das-catacumbas.htm>> Acesso em: 03 de out. 2017, 10:16:15

PORTAL SÃO FRANCISCO. Arquitetura Bizantina. Disponível: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/arquitetura-bizantina>> Acesso em 13 de set. 2017, 22:02:02

PORTO, Ivo. Arquitetura Sagrada. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

RUTAS TURÍSTICAS. Sinagoga Shaaré Tikva. Disponível em: <https://www.rutas-turisticas.com/sinagoga_shaare_tikva_lisboa_local_de_culto_6907.html>. Acesso em 12 de set. 2017, 16:16:21.

SEGRE, Roberto; BARKI, José. Oscar Niemeyer. Brasília, DF. 1958/1967. A Catedral de Brasília, em artigo de Roberto Segre e José Barki. Disponível em: <<http://>

au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275969-2.aspx> Acesso em 20 de Nov. 2017, 21:25:51

STIGAR, Robson. A definição de beleza em Hegel. Disponível: <<http://webartigos.com/artigos/a-definicao-de-beleza-em-hegel/6414>> Acesso em: 18 de set. 2017, 22:22:20

STROIK, Duncan. Modernist Church Architecture. Disponível em <<http://www.catholicliturgy.com/index.cfm/FuseAction/ArticleText/Index/65/SubIndex/116/ArticleIndex/11>> Acesso em: 15 de nov. 2017, 12:20:35

VINNITSKAYA, Irina. The Traditional versus the Modern in Church Design. Disponível em <<https://www.archdaily.com/385013/the-traditional-versus-the-modern-in-church-design>> Acesso em: 18 de nov. 2017, 10:47:52

WIKIPEDIA. Basílica de Santa Sabina. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_de_Santa_Sabina>. Acesso em 12 de set. 2017, 16:18:54.

WIKIPEDIA. Matroneo. Disponível em: <<https://it.wikipedia.org/wiki/Matroneo>> Acesso em 14 de set. 2017, 17:10:20

WIKIPEDIA. San Carlo alle Quattro Fontane. Disponível em <<https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/san-carlo-alle-quattro-fontane/>> Acesso em: 02 de nov. 2017, 17:34:42

ZEBALLOS, Carlos. Tadao Ando: Church On Water. Disponível em: <<http://architecturalmoleskine.blogspot.com.br/2011/09/tadao-ando-church-on-water.html>> Acesso em: 20 de nov. 2017, 10:20:40